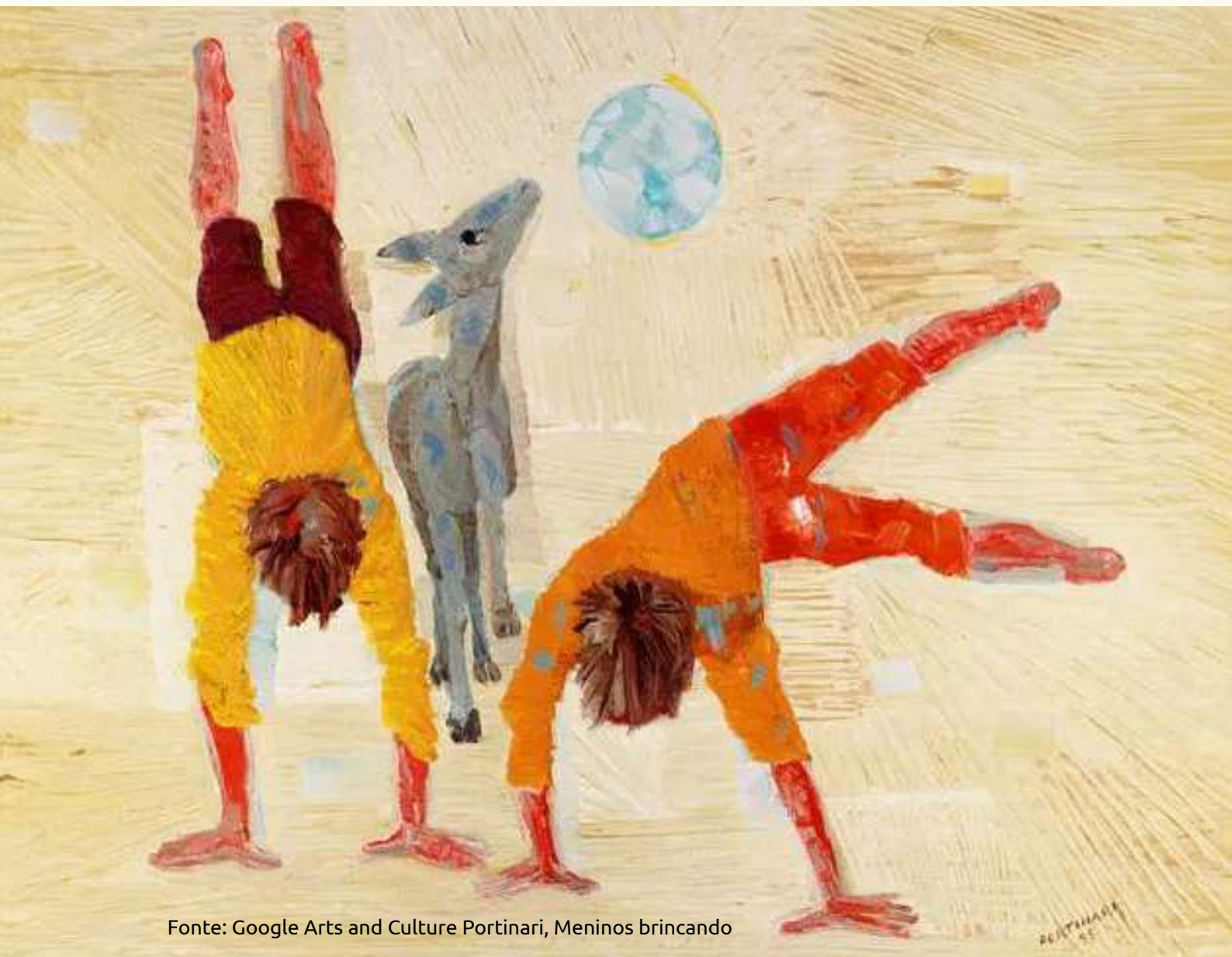


REVISTA ABA+



INFÂNCIA



Fonte: Google Arts and Culture Portinari, Meninos brincando

A trajetória da infância no Brasil reflete as transformações sociais, políticas e culturais do país. De “pequenos adultos” coloniais a cidadãos com voz e vez na democracia, as crianças revelam não apenas o futuro, mas o presente da sociedade. Conhecer essa história é fundamental para assegurar que os direitos conquistados sejam ampliados e respeitados.

pág 6

Agradecimentos

Aos nossos leitores,

A cada edição, a Revista ABA+ se renova — não apenas em páginas, mas em propósitos.

Agradecemos aos colaboradores e parceiros que seguem conosco nessa missão de unir ciência, afeto e cultura em prol de uma sociedade mais inclusiva e humanizada. Agradecemos também à Sandra Paro, Aline Alves, Cris Alves, Matheus Silva, Mariza Domingues, Tatiana Miranda, Úlli de Oliveira, Um Ponto Marketing e a toda equipe que torna possível o encontro entre texto, imagem e emoção.

A todos, nosso reconhecimento: vocês dão sentido a esse movimento que é mais que uma empresa — é uma causa pela educação, inclusão e diversidade.

Com afeto,
Equipe ABA+ Inteligência Afetiva

DIREÇÃO
SANDRA PARO

COLABORAÇÃO
ALINE ALVES E MATEUS SILVA, MARIZA DOMINGUES, TATIANA MIRANDA

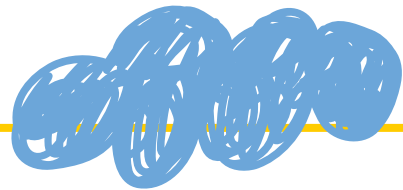
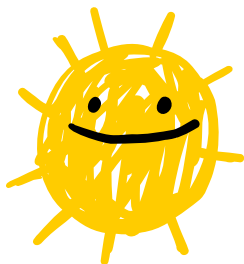
REVISÃO
CRIS ALVES

EDIÇÃO E
DIAGRAMAÇÃO
UM PONTO MARKETING

ORGANIZAÇÃO DOS EVENTOS
MARIA RAFAELA FEITOZA

CONSELHO EDITORIAL
SANDRA PARO, CRIS ALVES, CHRISTIANE MAMEDE E MARIZA DOMINGUES

S U M Á R I



05

DA EDITORA

Uma carta da editora aos queridos leitores

06

BRASILIDADES

A construção da infância no Brasil

12

É VERDADE. #SQN

"ABA ignora pensamentos e sentimentos."

14

PAPO DE PROFESSOR

De catequizar à arte de ensinar

19

DICAS DO PROFISSIONAL

Respirar com afeto

21

SOCIEDADE

A fé que me move está dentro de mim. Estás pronto para o encontro?

24

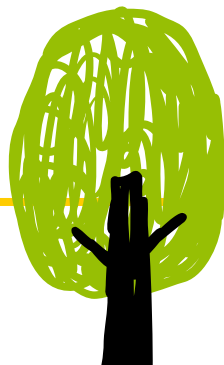
ESCREVENDO EM FOGO BAIXO

O Lámen, um filme coreano e a fome de pertencer

28

DICA DE LEITURA

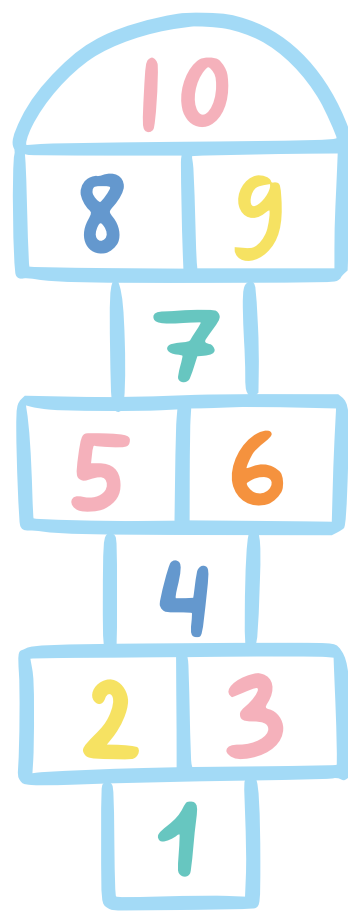
Ensinar com afeto e ciência: O professor como arquiteto de aprendizagens



31

ABA+ ACADEMY

Cursos on-line e
Tirinha do Dante
e Fanny



Editorial

Dez edições, mil propósitos (e infinitas vozes)!

Chegar à décima edição é mais do que um marco editorial, é comemorar o encontro de muitas vozes que, juntas, dão sentido ao que somos.

Desde o primeiro número, a Revista ABA+ nasceu para unir ciência e sensibilidade, técnica e ternura, teoria e vida. A cada edição, reafirmamos que conhecimento só ganha força quando é compartilhado com afeto. Na edição de outubro, revisitamos a infância não como lembrança distante, mas como patrimônio vivo da nossa cultura e da nossa humanidade.

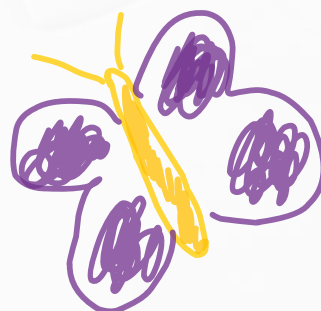
Em “A Construção da Infância no Brasil”, Sandra Paro nos conduz por uma viagem histórica e poética, mostrando como as crianças refletem o tempo e os valores de cada sociedade. Já, no texto “De Catequizar à Arte de Ensinar”, ela nos convida a olhar para o professor — esse mediador de aprendizagens que transforma a escola em espaço de liberdade e inclusão.

Mateus Silva, em “ABA ignora pensamentos e sentimentos” na coluna É Verdade. #SQN, desconstrói mitos e reafirma o que sempre defendemos: a Análise do Comportamento é, antes de tudo, uma ciência do humano — que acolhe emoções, vínculos e histórias. Sua escrita firme e empática traduz a ABA contemporânea: compassiva, ética e profundamente afetiva.

Em “Respirar com Afeto”, Tatiana Miranda nos lembra que o cuidado começa no simples gesto de inspirar e expirar presença. Enquanto, Mariza Domingues, em “A Fé que me Move Está Dentro de Mim”, mergulha nas relações intrapessoais e nos recorda que a fé é também um exercício de autoconhecimento e pertencimento. E Aline Alves, em “O Lámen, um Filme Coreano e a Fome de Pertencer”, transforma a mesa em metáfora: comer é pertencer, experimentar é amar, e toda nutrição verdadeira começa pelo vínculo.

Assim, em cada texto, fica evidente quem somos: um coletivo que acredita que educar, cuidar e incluir são verbos que se conjugam com alma. Que essa edição inspire novos começos e mantenha viva a certeza de que a inclusão é o futuro, mas também o presente que escolhemos construir — com amor, com ciência e com fé.

Com carinho,
Equipe ABA+



A CONSTRUÇÃO DA *Infância no Brasil*

Por *Sandra Paro*

Durante muito tempo, a infância não foi vista como uma etapa singular da vida, mas como um período transitório e secundário. O historiador francês Philippe Ariès (1981) foi pioneiro em mostrar que, até a Idade Média, a criança era percebida como um “adulto em miniatura”: participava das mesmas atividades que os mais velhos, vestia roupas semelhantes e não possuía um espaço social próprio. A ideia de infância como fase de proteção, cuidado e aprendizado é uma construção relativamente recente.

No Brasil, essa história ganha contornos particulares, atravessada por heranças coloniais, desigualdades sociais e movimentos de afirmação de direitos. A criança, em cada época, representou papéis distintos: mão de obra, futuro da pátria, objeto de políticas assistenciais, até alcançar o status de cidadã de direitos no final do século XX.



Fonte: Google, autor desconhecido, Índios e Jesuítas



INFÂNCIA COLONIAL: Pequenos trabalhadores e catequizandos

Nos séculos XVI e XVII, a infância era moldada pela presença dos jesuítas, que ensinavam meninos indígenas e filhos de colonos não apenas a ler e escrever, mas sobretudo a seguir normas religiosas. As meninas, por sua vez, tinham destinação quase exclusiva ao matrimônio e ao cuidado doméstico (RIZZINI, 2007). Não havia distinção clara entre o mundo adulto e o infantil: crianças eram incorporadas ao trabalho agrícola, ao serviço doméstico ou às atividades de catequese.



Fonte: Google, Rugendas, Preparação das raízes da mandioca

Documentos coloniais relatam que, em engenhos de açúcar, meninos negros escravizados já eram colocados para transportar cargas leves ou ajudar na produção desde muito cedo (MATTOSO, 1990).

QUANDO BRINCAVAM, COMO BRINCAVAM?

Brincadeiras de roda, peteca (origem indígena), pião, bola de gude/berlinde (de matrizes europeias, popularizada nos pátios de terra).

O QUE COMIAM?

Muito de mandioca e milho: mingaus, papas, beiju; pouca carne no dia a dia das camadas populares e das aldeias; açúcar aparece nas casas ligadas a engenhos.

ROTINA:

Crianças indígenas nos aldeamentos jesuíticos eram catequizadas, aprendiam orações, cantos e “hábitos cristãos”; atividades agrícolas e ofícios eram introduzidos como disciplina.



Fonte: Google, Debret, Um Jantar brasileiro

O IMPÉRIO:

“futuro da nação” e o início da escolarização

Com a independência, surge uma nova preocupação: formar cidadãos para consolidar o país. A criança passa a ser vista como o futuro da pátria, e as primeiras escolas públicas ganham espaço. Contudo, a educação era um privilégio de poucos, principalmente meninos brancos e de famílias abastadas. Meninos pobres ou negros continuavam a trabalhar desde cedo.



Fonte: Google, Debret, Meninos brincando de soldado



Fotografias de Marc Ferrez, década de 1880. Acervo do Instituto Moreira Salles

COMO BRINCAVAM?

“Jogos de rua” (pular corda e correrias), batalhas de faz-de-conta (soldadinhos), berlindes; Debret desenhou meninos “brincando de soldados”.

O QUE COMIAM?

Mesas urbanas de elite com pão, carnes e doces; presença cotidiana de crianças e amas/escravizadas circulando ao redor da mesa nas cenas de Debret.

Entre pobres e libertos, base de farinha (mandioca/milho), feijão e miúdos; muita sazonalidade.

ROTINA:

Crianças negras e pobres trabalhavam cedo (serviço doméstico, venda ambulante, lavoura); fotos de Marc Ferrez mostram menores em tarefas (garimpo/lavoura).

Famílias senhoriais recorriam a amas-de-leite; prática registrada para o século XIX em São Paulo e outras províncias.

A expansão da escola primária e métodos como o Lancasteriano marcam o cotidiano escolar urbano.



A REPÚBLICA E O SÉCULO XX: criança como “herdeira do progresso”



Fonte: Wikipedia Commons, Lucílio de LAbuquerque, Mãe Preta

No início da República, o discurso higienista e médico se fortalece. Crianças passam a ser alvo de políticas de saúde e de moralização. É nesse período que surgem instituições voltadas à infância abandonada ou considerada “perigosa”.

O pedagogo Lourenço Filho, em 1930, defendia que a escola deveria “modelar a infância para o desenvolvimento do país”. O lema era claro: civilizar pela educação. Mas, como aponta a pesquisadora Irene Rizzini (2007), essa infância “assistida” muitas vezes se confundia com uma infância controlada, vigiada e disciplinada.



COMO BRINCAVAM?

Consolidação de “brincadeiras de rua” (bete/bete-ombro, cinco marias, pular elástico); cultura lúdica popular documentada por folcloristas.

BRINCADEIRAS QUE “VIAJAM” PELOS SÉCULOS:

- Bola de gude/berlinde — múltiplos nomes (bolita, birosca...) e regras; difundida em pátios e ruas de terra.
- Pião e peteca — materiais simples (madeira, sementes, couro/pena), com forte influência indígena e luso-ibérica.
- Bete-ombro (taco) — jogo de bastões e bolas, muito comum nas cidades nos séculos XIX–XX.

O QUE COMIAM?

- Comidas de infância (pistas históricas).
- Mingaus, canjas e papas (mandioca/milho) nas casas populares; doces aparecem nos lares abastados (influência açucareira).
- Aleitamento por amas em famílias senhoriais no Império; tema recorrente em estudos e iconografia.

ROTINA:

Debates sobre higiene escolar, mobiliário e proteção à infância (asilos infantis, jardins de infância) ganham força no fim do XIX e início do XX.

A VIRADA DOS DIREITOS: da Constituição de 1988 ao ECA

Foi apenas com a Constituição Federal de 1988 que a infância no Brasil passou a ser reconhecida como prioridade absoluta, e dois anos depois, com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, Lei 8.069/1990), a criança deixou de ser vista como objeto de tutela e passou a ser sujeito pleno de direitos.

Como afirma o jurista Munir Cury, um dos redatores do ECA: “A criança não é mais propriedade da família, mas um cidadão em condição peculiar de desenvolvimento” (CURY, 1991).

BRINCAR
É VIVER

JEITO
DE
CRIANÇA

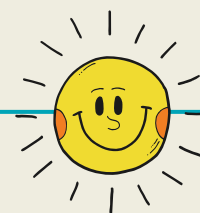
CRIANÇA
FELIZ

DIREITO
DE BRINCAR

DESENHAR

DIAS DAS
CRIANÇAS

CRIANÇAS
SÃO O
FUTURO



Hoje: a infância como patrimônio social

Atualmente, a criança no Brasil é compreendida como um sujeito em desenvolvimento, que precisa de proteção integral, mas também de espaços de escuta, participação e protagonismo. Programas de educação inclusiva, políticas públicas de saúde, cultura e lazer, e movimentos sociais que lutam contra o trabalho infantil ou a violência de gênero fazem parte dessa nova realidade.

A trajetória da infância no Brasil reflete as transformações sociais, políticas e culturais do país. De “pequenos adultos” coloniais a cidadãos com voz e vez na democracia, as crianças revelam não apenas o futuro, mas o presente da sociedade. Conhecer essa história é fundamental para assegurar que os direitos conquistados sejam ampliados e respeitados.



Referências

- ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- CURY, Munir. Estatuto da Criança e do Adolescente comentado. São Paulo: Malheiros, 1991.
- IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2022: Trabalho Infantil. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.
- MATTOSO, Kátia de Queirós. Ser escravo no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- RIZZINI, Irene. A criança e a lei no Brasil: revisitando a história (1822-2000). Rio de Janeiro: Editora Universitária Santa Úrsula, 2007.

É VER
DADE.
#SQN



“ABA IGNORA PENSAMENTOS E SENTIMENTOS”

Por *Mateus Silva*

Um dos mitos mais persistentes, e difundidos, sobre a Análise do Comportamento Aplicada (ABA) é a ideia de que ela ignora pensamentos, sentimentos e emoções. Essa visão ultrapassada faz parecer que a ABA se preocupa apenas com o que é visível, “o comportamento” (entre muitas aspas) em si, como se o mundo interno da criança não tivesse importância. Mas isso não poderia estar mais distante da realidade.

A verdade é que, sob a perspectiva comportamental, pensamentos e sentimentos também são comportamentos, o que chamamos de *eventos privados*. Eles são chamados assim porque acontecem “dentro da pele”, ou seja, não podem ser diretamente observados por outra pessoa, mas podem ser inferidos e compreendidos a partir das respostas do indivíduo e do contexto em que elas ocorrem.

Quando uma criança chora, sorri, se afasta, evita olhar, ou demonstra ansiedade, o profissional que trabalha com a ciência ABA busca entender o que está acontecendo além do comportamento visível. Claro, o objetivo não é “controlar” a emoção, mas ensinar a criança a lidar com ela, desenvolver repertórios de autocontrole, pedir ajuda, nomear sentimentos e encontrar formas adequadas de expressar o que sente.

Por isso, falar que ABA ignora emoções é desconsiderar a própria essência da ciência: analisar as condições que influenciam o comportamento e promover aprendizagem funcional e humanizada. Ensinar uma criança a reconhecer quando está frustrada, a se acalmar depois de uma birra, ou a dizer que está triste, tudo isso é ABA na prática.

Além disso, as práticas contemporâneas da Análise do Comportamento incluem abordagens baseadas na compaixão, no vínculo terapêutico e na motivação. A relação entre terapeuta e criança é um espaço seguro para o desenvolvimento emocional. É nesse ambiente acolhedor que as mudanças mais significativas acontecem, isso porque a criança aprende a confiar, se expressar e se autorregular.

Portanto, quem fala que ABA ignora pensamentos e sentimentos não sabe do que se trata essa ciência.



Conheça *Mateus Silva*

Mateus Silva é psicólogo, especialista em Análise do Comportamento pela PUC Goiás, pós-graduando em Análise do Comportamento pela UFSCar e mestrando em ABA.

Atua com desenvolvimento infantil desde 2020, com experiências que incluem as funções de Acompanhante Terapêutico (AT), terapeuta aplicador, psicólogo clínico, coordenador e supervisor.

Atualmente, trabalha como supervisor de casos, contribuindo para o planejamento e acompanhamento de intervenções baseadas em Análise do Comportamento Aplicada.



DE CATEQUIZAR À ARTE DE ENSINAR

A aventura da profissão docente

Sandra Paço

A história da educação no Brasil é também a história de quem ensina. Mais do que simples transmissores de conteúdo, os professores sempre foram mediadores de aprendizagens, abrindo caminhos entre conhecimento, cultura e vida. Como lembra Saviani (2008), a trajetória da educação brasileira é também a luta pela democratização do ensino e contra a exclusão social.

Do missionário ao mestre improvisado

Quando ensinar era rezar e disciplinar, e o “professor” se confundia com o padre.

Tudo começou em 1549, com a chegada dos jesuítas. Naquela época, o professor era também missionário: ensinava fé, leitura, escrita e até latim. Mas o foco não era a autonomia do aluno, e sim a catequese. A educação era rígida, centrada na disciplina.

Uma curiosidade: os jesuítas criaram colégios que eram verdadeiros polos culturais, e alguns ainda existem, como o Colégio de São Paulo, que deu origem à cidade de mesmo nome.

Quando os jesuítas foram expulsos em 1759, o ensino passou para as mãos do Estado. O Marquês de Pombal instituiu as chamadas aulas régias, e os professores viraram funcionários públicos, muitas vezes sem preparo e com salários baixíssimos. Como lembra Tanuri (2000), era uma tentativa de modernizar a educação, mas restrita à elite colonial.

O Império e a invenção do “ser professor”

Da promessa de ensino gratuito às primeiras Escolas Normais: a docência vira profissão, mas ainda restrita a poucos.

O século XIX trouxe novidades. A Constituição de 1824 prometeu ensino primário gratuito — embora na prática isso demorasse a chegar a todos. Em 1827, a famosa Lei das Escolas de Primeiras Letras estabeleceu regras para a docência e abriu espaço para as mulheres no magistério, ainda muito associadas ao cuidado e à disciplina.

Outro marco foi a criação das Escolas Normais, a partir de 1835, onde se formavam oficialmente professores. Ali, começava a nascer uma identidade docente: uma mistura de vocação e serviço público.



Na República, a escola virou palco de formação da cidadania. O professor passou a ser visto como um “agente civilizador”, encarregado de preparar as novas gerações para o país moderno.

Aqui também se consolidou a presença feminina: as mulheres ganharam cada vez mais espaço no magistério, ao mesmo tempo em que carregavam o peso de estereótipos de gênero, como o de que ensinar crianças era uma extensão “natural” do cuidado materno.



Nos anos 1930, o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova defendia uma escola pública, gratuita e obrigatória, com o professor no centro da transformação social. Parecia um futuro promissor. Mas, na prática, a profissão não ganhou a valorização necessária. Gatti (2009) lembra que, embora o acesso à escola tenha se expandido, o reconhecimento social e material dos professores ficou para trás.

Uma curiosidade interessante: foi nesse período que começaram a surgir pesquisas sobre a memória dos professores, reunindo histórias de vida e práticas escolares como forma de entender a identidade docente. Essas lembranças revelam não só dificuldades, mas também estratégias de resistência e amor pela profissão.

Na contemporaneidade, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996 reforçou a importância da formação adequada. Mas os velhos desafios continuam: salários baixos, múltiplas jornadas e infraestrutura precária.

Ainda assim, a função do professor se transformou. Hoje ele é mediador de aprendizagens, promotor da inclusão e agente social. Como diz Nóvoa (1995), ser professor é aprender continuamente, num processo de reconstrução constante.

De catequizador a educador transformador

A trajetória mostra uma transição impressionante: do missionário jesuíta que catequizava ao educador contemporâneo que promove aprendizagens críticas e inclusivas. Se antes a escola servia à fé ou à ordem social, hoje ela é chamada a ser espaço de liberdade, cidadania e democratização do conhecimento.

O Dia do Professor (15 de outubro) não nasceu de um decreto moderno, mas de uma lei do Império, em 1827. Quase 200 anos depois, seguimos comemorando — e esperando que a profissão receba o reconhecimento que merece.

Quem foi o primeiro professor do Brasil?

Muito antes das carteiras e quadros, o ensino começou com os jesuítas em 1549. Eles não apenas alfabetizavam, mas catequizavam, moldando mentes para o projeto colonial.

Quando a docência virou profissão de verdade?

Com a Lei de 1827 e as Escolas Normais, ser professor deixou de ser improvisado e passou a exigir formação. Mas... ainda era para poucos, e a profissão carregava muito mais prestígio simbólico do que condições reais de trabalho.

O século XX cumpriu a promessa de valorizar o professor?

A escola se expandiu, milhões de brasileiros entraram nas salas de aula... mas o professor não recebeu a mesma valorização. A profissão cresceu em importância, mas continuou invisibilizada em reconhecimento e condições de trabalho.

“

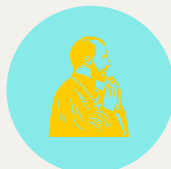
Ser professor é
“reconstruir-se continuamente”
-Antônio Nóvoa



PROFESSOR

De Missionário a Transformador Social

**Missionário como
mestre improvisado**



1549 – 1827

**Império: invenção
do professor**



1827 – 1889

**República: herói
civilizador**



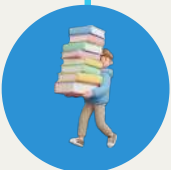
1889 – 1930/40

**Século XX:
expansão x descaso**



1930 – 1980

**Hoje: malabarista,
mediador e inclusão**



1980 –
Presente

**Transformador
Social**



Século XXI
e futuro



Referências

- ATENA EDITORA (org.). História e memória da profissão docente. Ponta Grossa: Atena Editora, 2021. DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.917212806>
- GATTI, Bernardete. Profissão docente e formação: perspectivas internacionais. Brasília: UNESCO, 2009.
- NÓVOA, António. Os professores e a sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1995.
- ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. História da Educação no Brasil. 38. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- SAVIANI, Dermeval. História das ideias pedagógicas no Brasil. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.
- SAVIANI, Dermeval. Escola e democracia. 42. ed. Campinas: Autores Associados, 2009.
- TANURI, Leonor Maria. História da formação de professores. São Paulo: Cortez, 2000.
- VICENTINI, Paula Perin; LUGLI, Rosário Genta. História da profissão docente no Brasil: representações em disputa. São Paulo: Cortez, 2009.
- VELÔSO, Thayllon Monteiro; GALVE, Fernanda Rodrigues; ROCHA, Georgia Fernanda do Nascimento; BARROS, Romário Silva; SILVA, Vania Pimentel. História da docência no Brasil: uma identidade em construção. Revista Sociedade Científica, v. 7, n. 1, p. 790-804, 2024. DOI: <https://doi.org/10.61411/rsc202420717>
- XAVIER, Libânia Nacif. A construção social e histórica da profissão docente: uma síntese necessária. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 19, n. 59, p. 827-845, out./dez. 2014.





RESPIRAR COM AFETO

Por Tatiana Miranda

Ao nascermos o primeiro som que manifestamos é o da nossa respiração. E ele nos acompanha, ali, discretamente dia a dia. Ao pararmos para escutar nossa respiração, percebemos que ali existe mais do que ar entrando e saindo: existe um gesto de cuidado, existe um abraço interno, que acalma, acolhe e liberta.

Respirar já é um ato de amor conosco mesmo. Respirar com afeto é transformar o automático em presença. É fazer que cada inspiração seja um aconchego e cada expiração, um livramento. O som do ar pode ser uma música íntima, que embala e orienta, dá rumo, direcionamento. Ele não exige palavras, não cobra respostas, apenas convida a estar. É suave, solitário, mas não causa solidão, pelo contrário, muitas vezes nos conecta!

Em um momento em que estamos descompensados emocionalmente, esse som funciona como uma âncora. Contar as respirações, sentir o peito se mover ou simplesmente ouvir o ar, em forma de vento, que passa reorganizar a estrutura em meio ao excesso de estímulos. É como se o corpo dissesse: "estou aqui, você pode confiar em mim".

Ao nos reconectarmos conosco, respirarmos conscientemente, estamos dando espaço ao afeto, sendo gentil ao respirar. Inspire calma, expire confiança. Inspirar como quem se abraça, expirar como quem se liberta. Em vez de controlar, apenas permitir. A cada troca, um recomeço. A cada ciclo de ar, uma nova oportunidade. Do simples, quase imperceptível do bebê que acaba de nascer até o mais completo afeto em forma de respiração consciente.

DICA DO PROFISSIONAL

O simples pode ser raro, especial. Respirar com afeto não é complicado. Pode acontecer agora, neste instante, sem muito esforço. Basta escutar o próprio som da vida e reconhecer nele uma forma de carinho e ter a certeza de que o fluxo será guiado de acordo com a própria necessidade.

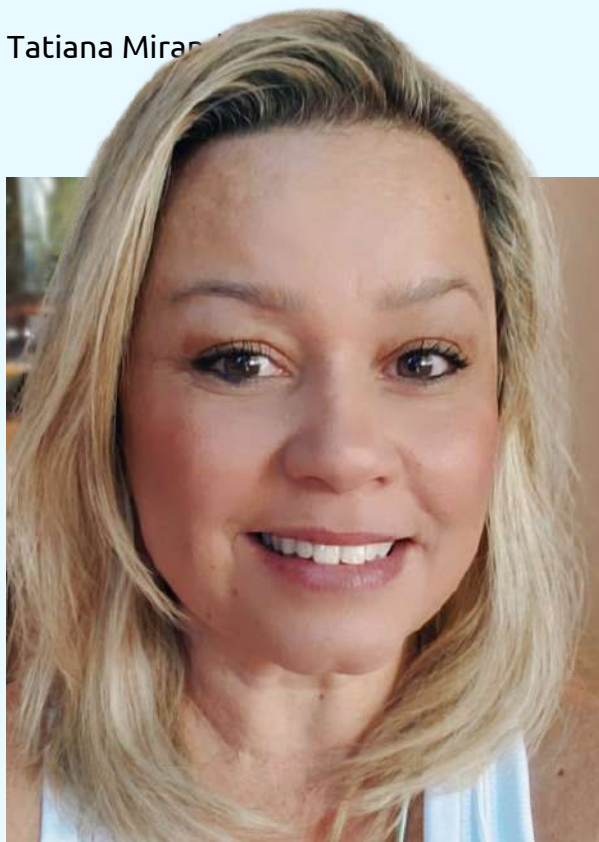
Nas minhas aulas, o aluno se identifica com o melhor método de respiração e se conecta com seu eu interior. E juntos, com mente, corpo e respiração ativados liberamos mágoas, traumas, ansiedades e tantos outros desequilíbrios emocionais.

No fundo, respirar com afeto é aprender a ouvir: cada sopro é um abraço que vem de dentro.

Respire você também!

Com afeto,

Tatiana Miranda



Oficina de meditação para crianças, na Casa da Praça, em Goiânia.

Conheça *Tatiana Miranda*

Especialista em acupuntura e professora de meditação infantil. Mãe do Joaquim, dedica-se a promover saúde emocional e práticas de atenção plena em escolas e comunidades.

Atualmente ministra oficinas semanais na Escola Conviver e na Vila Lume, em Goiânia.

A FÉ QUE ME MOVE ESTÁ DENTRO DE MIM. ESTÁS PRONTO PARA O ENCONTRO?

Por Mariza Domingues

A relação intrapessoal é a forma como você se conecta e se relaciona consigo mesmo. Essa íntima relação é muito valiosa para viver no mundo de forma mais proveitosa e efetiva, trazendo para dentro de si mesmo confiança, perseverança, persistência, paciência, autoconsciência, empatia, crença no futuro e vontade de relacionar-se consigo e com o outro e tirar bom proveito dessas relações.

Essas habilidades socioemocionais valiosíssimas para a vida mais satisfatória e saudável são movimentos internos que elevam o ser humano à condição de compreensão de si e de compreensão do subjetivo, da emoção, do abstrato, do complexo e essencial que há no encontro consigo mesmo.

Esse complexo mundo interior e das relações intrapessoais é provocador de muitas curiosidades dado seu nível de mistério, subjetividade e intangibilidade. Uma das situações que suscita daí é a FÉ e suas manifestações. A fé, como manifestação interna, subjetiva e misteriosa, nasce no mundo interior e da conexão que o indivíduo mantém, primeiro consigo e, depois com uma entidade ou divindade escolhida e materializada a partir de suas experiências pessoais e sociais com aquilo que lhe faz sentido e te comove.



SOCIEDADE

E, embora a fé seja considerada subjetiva, imaginem que nada pode ser tão real a uma pessoa como ela mesma e tudo aquilo que justifica sua existência e o seu sentir. Assim, a fé é real! Ela se mistura com o nosso eu, com nosso corpo, com nossa história, com os nossos sentidos. Ela é um cheiro, um som, um gosto, um arrepio, um toque. A fé é a vibração de si mesmo para depois ser a vibração do divino em si. A fé é a permissão para sentir.

Assim, nessa manifestação tão peculiar que se inicia no movimento do encontro consigo mesmo é que a fé se torna inteira. E o inteiro é a capacidade de perceber o subjetivo e deixar manifestar habilidades como persistência, paciência e esperança. É quando o acreditar ganha força.

E, se eu acredito, eu faço, eu me animo, eu sonho, eu realizo, eu sei que tenho força, eu sei que posso, eu sei que algo ou alguém zela por mim na caminhada. Eu sei que eu terei de caminhar, mas há parceria certa nesse caminhar. Há um olhar que aquece o caminho, que vela pelos passos dados, que direciona o caminhar e que te move. Por isso, na simplicidade, a fé seria o que te faz acreditar!

Acreditar que você pode, acreditar que é possível, acreditar no que é bom e acreditar, quando nada é bom, que tudo passa, se transforma e isso só acontece com você caminhando. Então, a fé não te deixa parar! E quem não para é ser de fé.

E a fé, embora verdadeiramente revestida de mistério e subjetividade, não te faz perder os sentidos, não te faz perder a inteligência, a razão, as verdades científicas e absolutas. Ela não trava guerra com o mundo real. Ela só abre a porta lateral para abrigo calmo e tranquilizador para quando o mundo real te pede paz, quando o mundo real transborda com sua agitação, verdades, compromissos e realidades. A fé é um escapismo seguro para dentro de si mesmo e para perto do sagrado a quem você atribuiu, consagrou o que de sagrado e puro há em você.

Que tenhamos fé! Que tenhamos contato conosco! Que tenhamos habilidade de acreditar no que de melhor há em cada um de nós.

Que a fé te mova! Que a fé te faça suportar! Que a fé te faça perceber a graça que há em viver com fé!

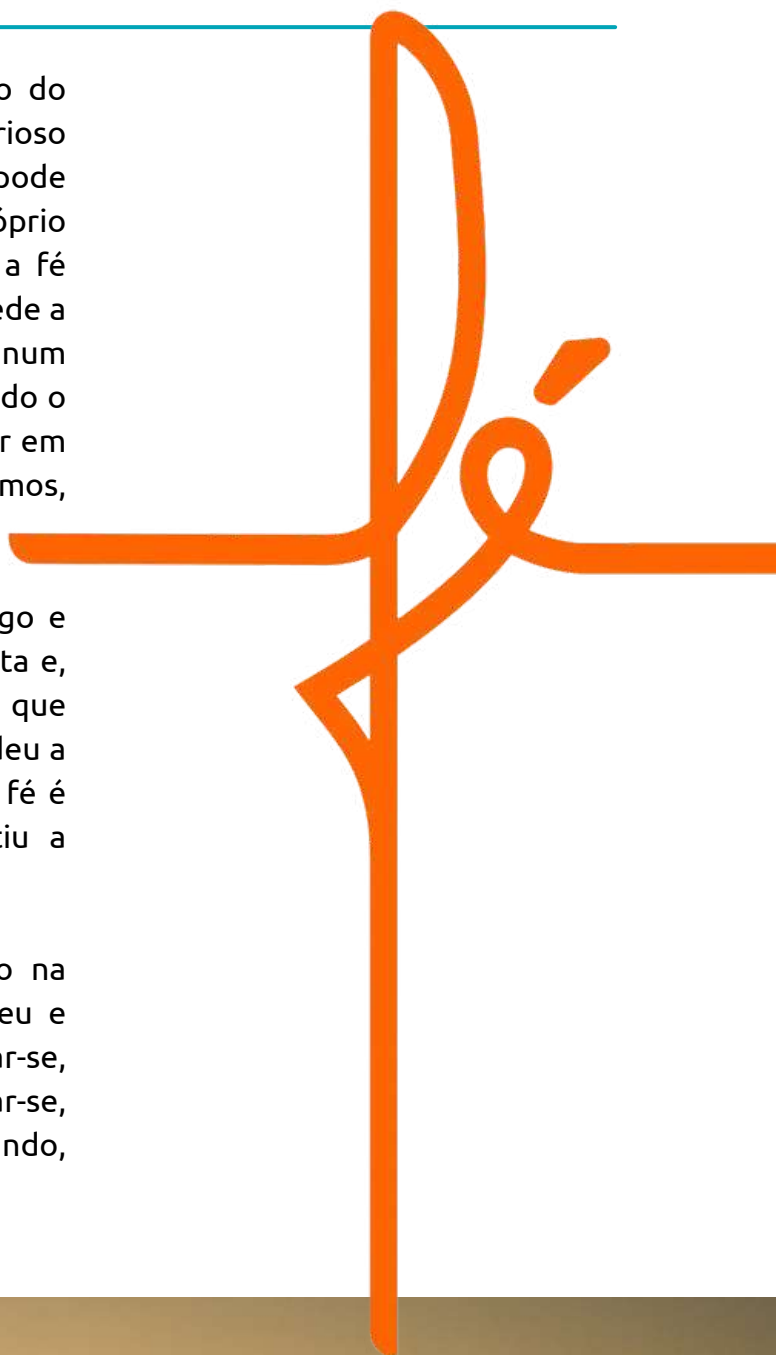


SOCIEDADE

De onde vem a fé que não do mais íntimo do nosso ser emocional? Só no complexo, misterioso e amplo universo das emoções é que a fé pode expandir e conectar uma pessoa com seu próprio eu. Isso! É conexão consigo mesmo, afinal, a fé exige isso. Ela pede permissão para entrar, pede a chave de si mesmo pois, ela só se manifesta num espaço absolutamente íntimo e singular. E todo o campo do subjetivo, espiritual está num lugar em que só nós temos a chave, só nós nos conectamos, só nós permitimos entrada.

É nesse mais alto nível de intimidade consigo e permissão para entrar é que a fé se manifesta e, muitas vezes se transforma numa divindade que nada mais é do que aquilo que você mesmo deu a si. A divindade escolhida para materializar a fé é aquela que você permitiu entrada, permitiu a acolhida, permitiu a estadia.

E com essa divindade, só se tem encontro na intimidade, em espaço consagrado ao seu eu e àquilo que você construiu para abraçar-se, perdoar-se, acolher-se, orientar-se, direcionar-se, mover-se e encontrar-se para tornar-se profundo, inteiro, subjetivo, emotivo e divino.



SOBRE COMO A IDENTIFICAÇÃO GERA DESEJO ALIMENTAR NA INFÂNCIA

O LÁMEN, UM FILME COREANO E A FOME DE PERTENCER

Por Aline Alves

Outro dia, meu filho, Valentin, pediu para comer lámen. Assim mesmo, com sotaque de desenho coreano. Um pedido inédito, vindo de uma criança que há anos só aceita um cardápio reduzido e muito específico.

“Quero comer igual as meninas do filme”, ele disse, apontando pra TV, onde as protagonistas de Guerreiras do K-pop devoravam seus potes fumegantes de macarrão e muito caldo, com alegria e um certo desespero.

E ali estava o milagre: meu filho, que tantas vezes recusa até experimentar o novo, quis provar algo que nem existia no nosso repertório doméstico.

Enquanto preparamos o “lámen” ultraprocessado lembrei ele de quando comemos lámen original, feito com ingredientes de verdade, e ele nem se lembrava. Pensei também em como, às vezes, a comida entra na vida pela porta da imagem. Não é o cheiro, o gosto, a textura é o gesto. A forma como alguém come. O modo como a comida é narrada. Como ela se encaixa no mundo de quem vê.

Ali, na tela, o lámen não era um alimento. Era afeto, era grupo, era identidade. Era uma comida que dava lugar, que dava pertencimento. E, de repente, era pra ele também. Saber dosar essa experimentação pode ser um aliado contra a seletividade alimentar e a favor da infância.



ESCREVENDO EM FOGO BAIXO

E A GENTE, MÃE, PAI, CUIDADOR, PRECISA SE VIRAR ENTRE O MEDO DE SER RÍGIDO DEMAIS E O MEDO DE NÃO ALIMENTAR DIREITO. ENTRE O QUE DÁ PRA FAZER E O QUE A GENTE SONHAVA QUE SERIA.



E não é só no filme. A comida aparece o tempo todo nas brincadeiras e nos brinquedos: fogõezinhos com panelas, massinhas em forma de pizza, bonecas que "comem" papinha e fazem cocô, jogos de montar sanduíche, canais infantis em que personagens cozinham e fingem jantar.

Nos desenhos, os personagens sentam à mesa, têm rituais de café da manhã, dividem frutas, fazem bolos. A infância se alimenta dessas imagens tanto quanto dos alimentos reais. Ver alguém comer — seja em carne e osso ou em animação, é um convite ao desejo, à experimentação.

A comida se transforma em símbolo de vínculo, de curiosidade, de pertencimento.

Mas o desejo não brota só porque o alimento aparece: ele depende do contexto emocional em que ele está sendo consumido. Uma cena em que dois personagens compartilham uma refeição com afeto, com alegria, com riso, pode despertar vontade de provar. E o alimento, nesse caso, não é só um objeto comestível: é um lugar possível de encontro.

Fico pensando na dificuldade de oferecer "comida de verdade" às crianças hoje. Não por falta de vontade. Eu mesma, desde a introdução alimentar, tentei oferecer o colorido natural das frutas, o caldo grosso do feijão, o sabor da terra nas folhas verdes. Mas sempre indignada em ter que competir com embalagens que brilham, biscoitos que estalam, iogurtes fluorescentes com nomes engraçados e mascotes sorridentes.



ESCREVENDO EM FOGO BAIXO

ESSA DISPUTA NÃO É JUSTA. OS ULTRAPROCESSADOS CHEGAM DE TODOS OS LADOS: NA TELEVISÃO, NAS LANCHEIRAS DA ESCOLA, NAS PRATELEIRAS DA FARMÁCIA, NOS COMERCIAIS QUE INSISTEM EM DIZER QUE AQUILO É “FEITO PARA CRIANÇAS”. MAS NÃO É. É FEITO PARA CONVENCER E VENDER. É PENSADO PARA UM PÚBLICO QUE NÃO DEVERIA TER ACESSO A PUBLICIDADE DESTE TIPO.



A verdade é que, se não temos domínio e confiança na comida de verdade, aquela que vem da panela, da feira, do quintal ou da memória, ela muitas vezes perde a disputa. Porque ela exige tempo, exige envolvimento, exige crença. Ela não vem pronta. Ela não promete felicidade imediata. Mas, ah... quando funciona, ela planta coisa boa.

Na minha casa, comer sempre foi também negociar. Não só com a criança, mas com os sentidos dela. Com o mundo dela. Valentin tem questões sensoriais que transformam cada refeição num pequeno campo de batalha ou num grande exercício de escuta.

Mas quando o lámen entrou pela tela e virou desejo, mostra a verdadeira experiência do comer social. Porque não foi imposto, nem escondido, nem maquiado. Foi visto, sentido e desejado.



ESCREVENDO EM FOGO BAIXO

E talvez a gente precise lembrar disso mais vezes: comer também nasce do desejo da criança de conhecer, de se surpreender, de se desafiar. Elas não são apenas passivas frente ao prato, elas são exploradoras, criadoras de sentido. E quando têm espaço e segurança, podem descobrir sabores como quem descobre um continente.

Talvez a chave esteja aí: fazer com que a comida de verdade volte a ser desejável. Não só saudável. Que ela seja apresentada com prazer, e não com culpa. Que seja parte de uma história, de uma conversa, de um momento.

Porque a comida que alimenta a infância de verdade não é só a que nutre o corpo, é também a que constrói laços, repertório, subjetividade. E essa, eu ainda acredito, vale o esforço da aposta, diariamente.



Conheça *Aline Alves*

Jornalista, mãe atípica e culinária dedicada à comunicação, escrita de conteúdos sobre comida e alimentação infantil com comida de verdade.

Além disso, trabalha também com aulas para pais e filhos com uma proposta culinária mais afetiva e natural para crianças e famílias, em especial as atípicas.

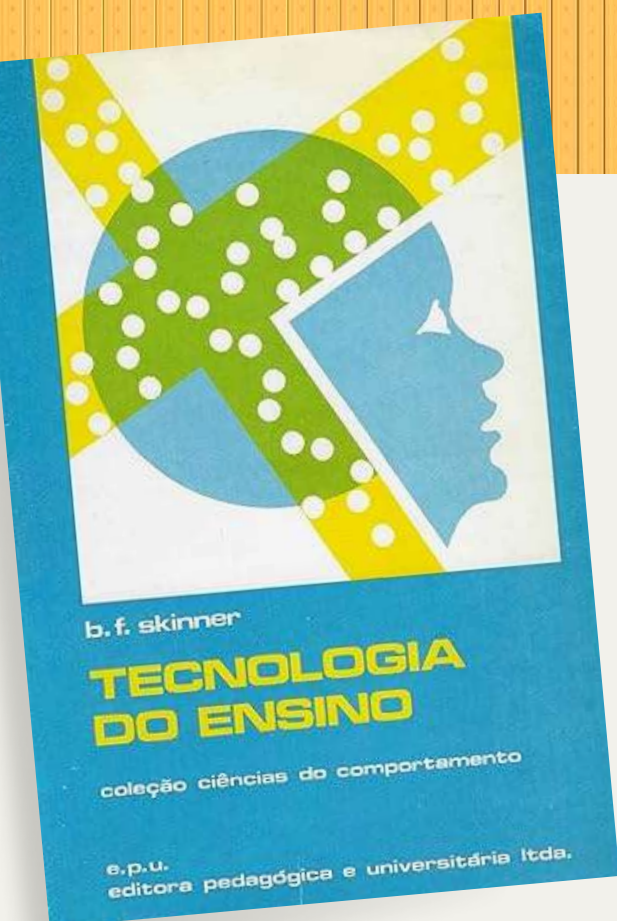
@aline.reall



INDICAÇÃO DE LEITURA

ENSINAR COM AFETO E CIÊNCIA: O PROFESSOR COMO ARQUITETO DE APRENDIZAGENS

Por Sandra Paro



A sala de aula que se transforma

Todo professor já viveu a frustração de preparar uma boa explicação e, ainda assim, ver poucos alunos realmente aprenderem. É nesse espaço de desafios diários que surge uma oportunidade: transformar a situação de aprendizagem em algo vivo, dinâmico e eficaz. B. F. Skinner, ao propor uma “tecnologia do ensino”, mostrou que ensinar não é apenas transmitir conteúdos, mas organizar condições para que o aluno aprenda de verdade.

Do ensino tradicional à aprendizagem ativa

No modelo tradicional, o aluno ouve, copia e memoriza. O professor fala mais do que o estudante faz. O resultado? Desmotivação, erros repetidos e muitas vezes fracasso escolar. Skinner nos lembra que aprender é agir. “O que o aluno aprende depende do que ele faz, não do que o professor faz” (Skinner, 1968, p. 25).

DICA DE LEITURA

Aqui nasce a primeira oportunidade para o professor: transformar a aula em espaço de participação ativa, em que cada aluno responde, constrói e recebe retorno imediato sobre seu progresso.

Um caminho prático para o crescimento docente

A Análise do Comportamento Aplicada (ABA) traz ferramentas que permitem ao professor planejar contingências de reforço, estimular comportamentos desejados e reduzir barreiras para a aprendizagem. Isso vale tanto para alunos típicos quanto para aqueles com autismo, TDAH ou outras condições.

Quando o professor utiliza reforços positivos (elogios, feedbacks, pequenas conquistas), ele cria um ambiente motivador. Como reforça Skinner (1968, p. 41), “é pelo reforço que mantemos a atenção, o interesse e a motivação do estudante”.

Instrução programada e ensino inclusivo

Uma das maiores contribuições de Skinner foi a ideia de instrução programada: dividir o conteúdo em passos menores, garantindo que o aluno avance com sucesso. Essa técnica pode ser aplicada hoje com recursos simples — desde a organização de sequências de atividades até o uso de softwares educativos.

Na prática, isso significa menos erros, mais engajamento e a chance de cada aluno aprender no seu próprio ritmo. Para o professor, é a oportunidade de diferenciar o ensino e tornar sua aula inclusiva e eficiente, sem perder de vista os objetivos do currículo.

O professor como designer de aprendizagens

Skinner falava em “máquinas de ensinar”, mas hoje o professor pode usar metodologias ativas, jogos digitais, plataformas adaptativas e até simples estratégias de reforço em sala. A tecnologia, seja digital ou comportamental, não substitui o professor, mas o transforma em um designer de aprendizagens: alguém que cria experiências, mede avanços e reforça cada conquista.



Crescimento profissional com base científica

Ao incorporar princípios da ABA, o docente não apenas melhora o desempenho dos seus alunos, mas também cresce profissionalmente. Ele passa a dominar técnicas fundamentadas na ciência do comportamento, capazes de promover inclusão, autonomia e resultados duradouros.

Como lembra Skinner (1968, p. 103), “precisamos de uma tecnologia do ensino que se apoie em princípios científicos, e não em opiniões ou tradições”. Essa é a chave para que o professor do século XXI seja, ao mesmo tempo, cientista da aprendizagem e agente de transformação social.

O desafio de ensinar nunca foi tão grande, mas também nunca houve tantas oportunidades. Professores que utilizam técnicas da ABA têm nas mãos ferramentas para criar salas de aula mais motivadoras, inclusivas e eficazes. E isso não significa abandonar o afeto ou a sensibilidade, mas unir ciência e humanização.

Assim, o docente pode reinventar seu papel: de transmissor de conteúdo para arquiteto de aprendizagens significativas, capaz de guiar cada aluno — típico ou atípico — em seu próprio caminho de desenvolvimento.



Referência

SKINNER, Burrhus Frederic. Tecnologia do ensino. Tradução de Rodolpho Azzi. São Paulo: EPU, 1972.

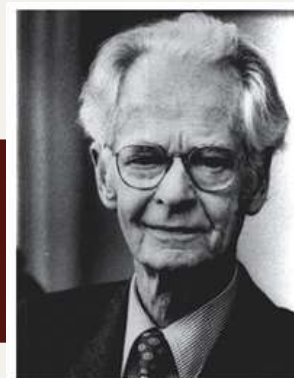


Figura. B.F. Skinner, fotografia disponível no portal da B. F. Skinner Foundation.

CURSO ON-LINE

O BRINCAR NA ABA

Criado para quem deseja entender e aprender ABA (Análise do Comportamento Aplicada). Técnicas em ABA para atuar com crianças no TEA. Voltado para educadores, profissionais da saúde e familiares de indivíduos no TEA (Transtorno do Espectro Autista) e outros transtornos do Neurodesenvolvimento. Oferecemos cursos que analisam as percepções comportamentais e suas aplicações práticas.

POR APENAS R\$197**Vem ver mais!**

O QUE ESPERAR DO CURSO



Carga horária: 30h



Todos dispositivos



Exercícios práticos



Suporte e Dúvidas



Certificado

Ministrado por: *Luísa Heyn*

Psicóloga comportamental, formada pela PUC-GO, especialista em Psicoterapia Analítico Comportamental e em Comportamento aplicado ao desenvolvimento atípico.

Atualmente cursa Neuropsicologia (especialização) pelo Hospital Israelita Albert Einstein. Possui formação básica no Modelo DENVER de Intervenção Precoce, Curso de Psicopatologia dos transtornos mentais diagnosticados pela primeira vez na infância, PROTEAR-NV e Protocolo ABBLS-R Avançado.

Dante e Fanny**em A Fórmula Secreta dos Professores**

REVISTA ABA+

Encerramos esta edição com o convite para compreender mais profundamente a infância, aquela que segue viva em nossos gestos, aprendizagens e afetos, e também nas crianças que confiam em nosso cuidado e orientação.

Nesta edição, abrimos espaço para refletir sobre a formação de hábitos alimentares e sobre como pequenas escolhas moldam grandes comportamentos. Falamos de fé, que nos move, nos sustenta e dá sentido ao nosso propósito.

Mais uma vez, falamos de ciência: da ABA, de Skinner e de como o conhecimento pode e deve ser usado para promover o bem-estar da criança.

Seguimos firmes na missão de oferecer conteúdo de qualidade a quem busca relacionar-se de forma sensível, real e consistente consigo mesmo e com o outro.

Nos vemos na próxima edição.

E aproveite para nos seguir nas redes sociais.

Muita coisa boa acontecendo aqui e lá.

**Com carinho,
Equipe ABA+**



 @abamaisinfo

 www.abamais.com